



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

PRÁTICAS DE LEITURA EM SALA DE AULA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NO FAZER EDUCAÇÃO

Cleberson Cordeiro de Moura¹

RESUMO: Este é resultado da intervenção socioescolar realizada em uma escola pública da rede municipal de Extremoz/RN. Tem como objetivo promover reflexões sobre a leitura em sala de aula. Destacamos a leitura no ensino fundamental e a contribuição dos vários atores sociais nesse processo. Ressaltamos a importância das práticas diferenciadas para o envolvimento dos alunos nas ações com leitura. Para tanto, está sob a luz dos pressupostos teóricos de Freire (1998), Zilberman (2004), PCN's (2001), Rameh; Araújo (2006) entre outros, que discutem o processo de aprendizagem e desenvolvimento dos alunos frente a leitura. Concluímos que a aquisição da leitura depende dos contextos nos quais as crianças estão inseridas e dos “mecanismos” que serão utilizados para estimulá-las, permitindo assim, a construção de conhecimentos e a formação de leitores autônomos.

Palavras Chave: Escola, Leitura, Ensino-Aprendizagem.

1 INTRODUÇÃO

Nos últimos anos tem crescido o debate e o tema leitura devido as grandes dificuldades que norteiam o processo de aquisição deste por partes de crianças, jovens e adultos durante o percurso educacional. O ato ler é um dos pilares para que o indivíduo possa ser inserido em seu contexto de vida, compreendendo o que esta a sua volta, ou seja, a leitura esta em todos os tempos e espaços da sociedade.

Sendo assim, podemos dizer que a sociedade contemporânea vive uma nova cultura: a do conhecimento, que torna necessária o uso da linguagem, da leitura e da escrita para que se possa entender e ser entendido nas diferentes situações de comunicação.

Nesse prisma, se faz necessário que as escolas trabalhem de forma prazerosa as atividades relacionadas à leitura e sem fazer uso de leituras obrigatórias, proporcionando momentos cansativos, repetitivos, descontextualizados do que se propõe a realizar.

Uma das funções da escola hoje é alfabetizar seus alunos em seu contexto letrado, ou seja, que envolvam as práticas sociais de leitura, com essa aprendizagem os discentes tornam-se usuários da leitura em seus variados mecanismos, mesmo ainda não estando alfabetizados.

¹ Mestrando em Educação Inclusiva- Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias- ULHT. Pós-graduado em Psicopedagogia Institucional, Educação Infantil e Anos iniciais- Faculdade de Pinhais- FAPI. Pós-graduado em Educação de Jovens e Adultos com Ênfase no Sistema Prisional- Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy - IFESP. Graduado em Pedagogia- Universidade Estadual Vale do Acaraú- UVA.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Nesse contexto, a escolha do tema partiu da necessidade de abordar a leitura em uma sala do 5º ano Ensino fundamental, visto que muitos alunos chegam sem dominar habilidades de leitura e de escrita.

Partindo desses pensamentos iniciais, podemos questionar: Qual a visão dos alunos a respeito da leitura? Quais atividades são utilizadas no fazer educação? Como cativar o aluno no processo literário?.

Diante de tais indagações, entendemos então, ser necessário realizar ações que possibilitem a todos os alunos a prática e a apropriação da leitura e da escrita, tendo em vista que são necessárias nas práticas sociais.

2 LEITURA: ABORDAGENS NA SALA DE AULA

De acordo com os PCN entendemos que o educador na intenção de preparar o educando no ensino da leitura, deve primeiro criar um ambiente alfabetizador que propicie esse desejo de ler, ou seja, com jornais, revistas, livros.

Essa mediação se faz necessária no processo de construção do conhecimento do aluno, levando a desenvolver habilidades e competências, porém não basta apenas mediar por mediar, mas mediar pedagogicamente. Enaltecendo o exposto, Gutierrez e Pietro (1994 apud CORREIA, p.47):

A mediação pedagógica consiste no tratamento dos conteúdos e das formas de expressão dos diferentes temas, a fim de tornar possível o ato educativo dentro do horizonte de uma educação concebida como participação, criatividade, expressividade e racionalidade. Nesse caso, não interessa apenas transmitir uma informação, mas uma informação mediada pedagogicamente.

Através das palavras expostas por Gutierrez e Pietro compreendemos que o docente tem que ser o mediador, conduzindo o aluno em uma perspectiva de aprendizagem que possibilite sua participação de forma ativa. Para isso se faz necessária novas condições de aprendizagem que permita ao educando o domínio da língua falada e escrita, haja vista essas duas habilidades serem fundamentais para apropriação de novas aprendizagens.

Dessa forma, proporcionando várias atividades inovadoras procurando conhecer o gosto dos alunos e a partir daí escolher um trabalho que desperte nesse aluno o gosto pela leitura. Barreto (2006, p.55) convida a fazer uma reflexão, dizendo:

O conhecimento constrói-se no sujeito, é tarefa de significação (apropriação). Para que isto ocorra é necessário que a informação esteja



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

vinculada aos contextos e experiências do leitor. Este processo é lento, reflexivo, individual ainda que o produto do conhecimento seja, *a posteriori*, socializado.

Nessa perspectiva Barreto destaca a necessidade da interação entre atividades e contexto de vida dos educandos, uma vez que ao direcionar estas ao público alvo, percebemos assim um sentido, uma relação de entrosamento entre o proposto e o que se pretende alcançar.

Sem dúvida nos dias de hoje a leitura, mais do que nunca, constitui um fator de aceitação, de encontro das pessoas com elas mesmas, de inserção social, haja vista, a cultura visual ou oral ter sobreposição à escrita de globalização de hábitos ou opiniões, ou seja, a leitura contribui de forma preponderante para posicionarmos criticamente (no sentido de independência de opinião, de liberdade) enfim sem ela, não se realiza essa independência. Solé (1998, p.39) ratifica o citado expondo:

Muitos alunos talvez não tenham muitas oportunidades, fora da escola, de familiarizar-se com a leitura, talvez não vejam muito adultos lendo, talvez ninguém lhes leia livros com frequência. A escola não pode compensar as injustiças e as desigualdades sociais que nos assolam, mas pode fazer muito para evitar que sejam acirradas em seu interior. Ajudar os alunos a ler, a fazer com que se interessem pela leitura, é dotá-los de um instrumento de aculturação e de tomada de consciência cuja funcionalidade escapa dos limites da instituição.

Parafraseando as palavras de Solé, percebemos que o “poder” que a leitura tem na vida das pessoas é notório, torna-se suporte na participação constante da comunicação. Através dela podemos propagar desejos, sentimentos e defender pontos de vista. Por isso, é mais do que imprescindível instruir os alunos a compreenderem as palavras, a compreenderem o mundo.

O docente ao ler para o aluno está contribuindo para que conheça palavras novas que possibilitarão ter um contato maior com a leitura enriquecendo no futuro o repertório literário. Nesse sentido, Coelho (1999, p.50) diz: “Contar histórias é uma arte, por conseguinte requer certa tendência inata, uma pré-disposição latente, aliás, em todo educador em toda pessoa que propõe lhe dar com crianças”. Atrelado a essa ideia, Batista (2007, p.35) diz:

Uma vez compreendida a natureza alfabética do sistema, ou seja, quando ao aluno demonstra ter compreendido que as unidades menores da fala são representadas por letras, o processo de alfabetização precisa se orientar [...], no sentido do domínio da ortografia do português.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Analisando as palavras de Batista, compreendemos que não basta apenas às crianças decodificarem os sistemas linguísticos, mas também incluí-los em seus contextos sociais, descobrindo o significado do que está escrito, apoiando-se em complemento dos mesmos, como as imagens. Nessa perspectiva, afirma os PCN VOL.2 (2001, p. 58) afirma:

Para tornar os alunos bons leitores – para desenvolver, muito mais do que a capacidade de ler, o gosto e o compromisso com a leitura – a escola terá de mobilizá-los internamente, pois aprender a ler (e também ler para aprender) requer esforço. Precisar fazê-los achar que a leitura é algo interessante e desafiador, algo que, conquistado plenamente dará autonomia e independência. Precisar torná-los confiantes, condição para poderem se desafiar a “aprender fazendo”. Uma prática de leitura que não desperte e cultive o desejo de ler, não é uma prática pedagógica eficiente.

Destacando esse pensamento, compreendemos que o educador desde a primeira relação com o aluno deve instigar a leitura, conferindo significado. É preciso que os professores auxiliem os sujeitos aprendentes a descobrirem nos textos sua face mais pessoal e prazerosa, sua dimensão mais encantadora e envolvente. Diante do que foi exposto, Resende (1993, p.164) lança um olhar crítico dizendo:

A leitura é um ato de abertura para o mundo. A cada mergulho nas camadas simbólicas dos livros, emerge-se vendo o universo anterior e exterior com mais clareza. Entra-se no território da palavra com tudo o que se é e se leu até então, e a volta se faz com novas dimensões, que levam a re-inaugurar o que já se sabia antes.

A partir de tais considerações é importante iniciar a leitura interagindo com os discentes, falando sobre o formato do texto, título, autor, pois o levantamento de conhecimentos prévios é fundamental para promover a participação ativa dos alunos. Nessa perspectiva, os PCN VOL. 2 (1997 apud BEZERRA, 2008, p.27) diz:

Produzir textos a partir de outros conhecimentos: um bilhete ou carta que o personagem de um conto teria escrito a outro, o trecho do diário de um personagem, uma mensagem alerta sobre os perigos de uma dada situação, uma notícia informando a respeito do desfecho de uma trama, uma crônica sobre acontecimentos.

Ressaltando esse pensamento, ressaltamos que trabalhar textos informativos, instrucionais e biografias é importante assim como trabalhar adivinhações, as cantigas de roda, as parlendas, que são algumas das “antigas” manifestações da cultura popular, conservadas vivas por meio da tradição oral podem entusiasmar no procedimento de aprendizagem da leitura cada uma com sua peculiaridade.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Desta forma, ratificamos que a leitura de gêneros diversificados proporciona aos educandos a disposição de analisar criticamente os usos linguísticos e consente dentro de uma situação de aprendizado escolar atingir a função social da linguagem, sua utilização e as distintas intenções que podem conduzir. Sendo assim, é preciso ressaltar as palavras de Kleimam (1993 apud MOURA 2008, p.17):

Quanto mais diversificada a experiência de leituras dos alunos, quanto mais familiarizados com os textos narrativos, expositivos, descritivos, mais conhecida será a estrutura desse texto, e mais fácil a percepção das relações entre a informação veiculada no texto e a estrutura do mesmo.

Além disso, o conhecimento em conjunto com a variedade de textos dará ao aluno suporte crucial para compreensão da leitura, por isso é fundamental interagir com a diversidade de textos, testemunharem a utilização e participação de atos de leitura.

Outro fator interessante é compreender os mecanismos que englobam a vida dos educandos, enfim a leitura intermédia o nosso acesso à cidadania, a melhores posições no mercado de trabalho, a um entendimento profundo da vida em sociedade a construção de uma personalidade mais crítica, portanto mais livre. Dessa forma, Zilberman (2004, p.27) deixa claro:

A escola constitui um espaço por excelência de aprendizagem, valorização e consolidação da leitura, cooperando com o processo de legitimação da literatura e da escrita do mundo capitalista. Ela conta por seu turno, com uma história especial, de que fazem parte as diferentes filosofias educacionais, as concepções relativas aos processos de ensino, o modo de organização do aparelho pedagógico.

Parafraseando as palavras de Zilbermam a leitura na escola tem sido, fundamentalmente, um artefato de instrução. Para que possa constituir-se como um artefato de aprendizagem, é necessário que fixe atenção do discente, que faça sentido, deve satisfazer a suas perspectivas. Para cooperar na formação do leitor, a rotina por si só, não faz o seu papel na construção de uma prática significativa. Freire (1998 apud RAMEH E ARAÚJO, 2006, p, 26) ressalta:

[...] o ato de ler [...] não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas [...] se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta, não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser aclamada por sua leitura crítica a percepção das relações entre o texto e o contexto.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Através do que Freire expõe fica em evidência o valor que tem a leitura, mas fica ainda mais claro que tem que haver a valorização dos conhecimentos que antecedem a escola, eles sem dúvida são pontos de partida para despertar no aluno o gosto pela leitura

Enfim, se faz necessário o dinamismo em sala de aula, o docente tem que ser de fato e de direito o mediador na construção do conhecimento, levando em consideração o contexto de vida dos educando e suas especialidades.

2 METODOLOGIA

Para realização desse trabalho foi necessário procurarmos uma metodologia que fizesse uma conexão com o que se pretendia realizar na escola/campo de pesquisa. Sendo assim, escolhemos a pesquisa-ação, uma vez que essa detecta o problema e busca intervir através de ações. Nesse sentido, Thiollente (1985, p. 14 apud GIL, 2002, p.55) faz suas considerações destacando:

Um tipo de pesquisa com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou uma resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

É com essa visão que propomos atividades que possam ser coerentes com a problemática detectada, implementando ações para resolução do mesma.

Para que tal pesquisa tivesse uma estrutura de informações que fossem ao encontro da realidade do contexto educacional de uma escola municipal de Extremoz/RN foi realizado um levantamento de dados por meio de observações tanto da estrutura física da escola como também do aspecto pedagógico.

Foi utilizado ainda entrevistas que permitiu vários atores sociais expor seus pensamentos (professora, alunos, coordenação pedagógica). Com os dados das entrevistas tabulados conversamos com a coordenadora pedagógica e a professora regente com a finalidade de elaborarmos ações que pudessem envolver os educandos em ações de construção do conhecimento.

Rodas de conversas com os alunos; Aplicação de questionário; Construção de acrósticos e textos individuais e coletivos; Estudo dirigido, pesquisa, apresentações. O presente trabalho de pesquisa foi realizado em 20 dias.

Para realizarmos a intervenção socioescolar partimos da observação da escola buscando colher dados referentes à estrutura física e posteriormente a parte pedagógica,



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

principalmente a sala de aula em uma turma do 5º ano do Ensino Fundamental, turno vespertino, composta por 31 alunos.

Foi possível constatar que a professora direciona seu trabalho da seguinte forma: atividades escritas no quadro e na maioria das vezes segue o livro didático. Todavia como alguns alunos tem muita dificuldade em ler e escrever não acompanha o que a professora aborda.

Percebemos ainda que a professora não tem estratégias e nem as cria para trabalhar com os alunos. Uma vez que a docente trabalha muito com o livro didático e apenas quer receber dos discentes respostas prontas do livro. Desse modo, podemos constatar a falta de produção de atividades envolventes que deveria ser aplicada pela professora fazendo com que os alunos se interessassem mais pelas aulas, se envolvam mais e conseqüentemente construam o conhecimento.

Frente às informações destacadas foi necessária a construção de um plano de ação (para que assim, pudessemos envolver os educandos nas novas metodologias. Desta forma, colocamos como tema central os gêneros literários. Nesse sentido, foi confeccionada uma caixa contendo vários tipos de gêneros (revistas diversificadas, poemas, cordéis, livros de receitas, livros de contos, fábulas, bula de remédio entre outros) estimulando a curiosidade dos alunos.

Em seguida foi feita uma roda com os alunos e pedido para que cada educando fosse à caixa literária e escolhesse um tipo de gênero para lerem de forma individual e logo expusessem sua oralidade frente ao conteúdo lido. Após cada aluno ler um tipo de gênero era comentado pelos demais as suas características, seus personagens, sua entonação, sempre mediadas pela estagiária.

Percebemos por meio de cada leitura que alguns alunos leem soletrando e outros de forma rápida, mas em menor tom, outros leram de forma bem adequada com entonação e pontuação adequada. Mesmo assim, todos participaram da roda de leitura.

Depois que os alunos leram foi pedido para que cada um colocasse em seus cadernos as interpretações a respeito do que leram. Todavia ao analisarmos estas, podemos perceber que muitos apenas copiaram o que estava exposto nas laudas dos livros.

A análise que se faz das observações estabelecidas coloca certas inquietações causando alguns questionamentos: Como está sendo realizada a prática docente? Que teorias alicerçam a prática pedagógica? Há um diagnóstico geral da turma?



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO: O que revela a intervenção?

Com base nos questionamentos foram expostas as seguintes situações:

Analisando a primeira pergunta: você gosta de ler? O que? *A maioria dos alunos afirmou que sim. Entre as diversas respostas a respeito da variedade do que gostam de ler foram destacados os cordéis, piadas, contos de fadas e histórias infantis.*

Sem dúvida o envolvimento dos educandos nas atividades é fundamental e quando há o gosto pela leitura e variedade de textos facilita o aprendizado.

Em relação à segunda pergunta: Quais as suas dificuldades em ler? Por quê? *Os alunos confirmaram praticamente o que foi respondido anteriormente, ou seja, não há dificuldade em relação à leitura.*

O terceiro questionamento diz respeito como a família influência e contribui com o processo de leitura das crianças. Sendo assim, este foi o questionamento: *Na sua casa os seus pais lhe ajudam nas tarefas escolares? Obtivemos como resposta, um sim.*

Entendemos que é de suma importância à participação familiar na vida dos educandos, visto que mostra o compromisso de seus genitores e ainda o estímulo destes para com os seus filhos.

A outra pergunta foi à seguinte: qual a importância da leitura no seu dia a dia? *A maioria do contexto da sala de aula destacou que é muito importante, porque precisam desse conhecimento para sua vida.*

Nessas palavras, fica em evidência o valor que tem a leitura frente às práticas sociais dos educandos.

A quinta e última pergunta destaca: O que você acha das aulas de leitura proporcionada pela professora? *A maioria dos alunos respondeu que consideram muito boas por que são diferentes.* O que fica óbvio, que o professor ao diversificar suas atividades envolve os alunos em um clima de descontração, imaginação, criatividade.

Após estes questionamentos foi feita uma discussão a respeito dos textos literários. Após essa discussão colocamos no centro da sala de aula uma sacola com várias perguntas relacionadas à temática e sorteei o nome de três alunos para que pudessem retirar as perguntas da sacola.

Foram três questionamentos: Para vocês o que são textos literários? Quais os textos literários que você conhece? Dos gêneros que você mais gosta fale sobre as suas características?.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

A partir dessas perguntas foi solicitado que cada aluno respondesse em seus cadernos esse estudo dirigido. Discutimos e pedimos que pesquisassem e trouxessem em outro dia para compararmos o pensamento inicial sobre os gêneros e o pensamento após a pesquisa.

No dia seguinte houve então uma discussão a respeito das diversas respostas dadas pelos alunos. Para a conclusão dessa atividade trouxemos uma caixa contendo vários objetos e explicamos que os alunos iriam montar um texto contendo os objetos. De início fiz a introdução do texto, mas na sequência eles continuaram construindo a história com cada objeto que assim fosse retirado da caixa.

Essa atividade objetivava a construção do texto e analisar a coerência no desenvolvimento desse texto, como também a ortografia dos educandos. Estimularia ainda a leitura, haja vista, os mesmos em seguida terem que ler individualmente e em conjunto com toda a turma. Logo após esse momento foram montados grupos com a finalidade de discutirem a forma com que cada aluno construiu o seu texto. Em seguida propusemos a formação de um texto coletivo, ou seja, cada grupo construiu um texto com a participação de cada integrante.

Cada grupo escolhia um tema para desenvolver o texto coletivo. Entregamos uma folha para cada aluno e cada um escrevia uma frase relacionada à temática, dobravam o pedaço da folha com objetivo de cobrir a frase, na parte avessa (dobra) da folha os alunos escreviam a última palavra da frase e passavam a folha para o colega ao lado que iniciaria a outra frase.

Essas ações foram sucessivas até passarem por todos os educandos do grupo, estimulando à participação, a curiosidade, a criatividade, a grafia, a pontuação, a autonomia, despertando habilidades e competências que os próprios alunos não percebiam que tinham.

Após as construções coletivas foi pedido que cada grupo elege um orador com a finalidade de compartilhar para a turma as produções ora construídas pelos grupos de educandos.

Frente as leituras dos educandos fizemos observações em relação a oralidade (entonação, gesticulação) e quanto a escrita das atividades confeccionadas. Ou seja, foram recolhidas e considerações feitas destacadas e posteriormente comentadas em sala de aula.

Outra atividade utilizada com os educandos foi a construção de acrósticos a partir da poesia Convite de José Paulo Paes. O desenvolvimento dessa atividade se deu da seguinte maneira. Primeiro lemos a poesia para os alunos, em seguida falamos das suas características, os seus sentidos, o valor das palavras, seus significados. Depois cada aluno escolheu uma palavra da poesia e a partir dessa confeccionou seus acrósticos.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Ao término da atividade cada aluno apresentou o seu acróstico e fizemos considerações a respeito do produzido. Foi necessário ainda produzir um acróstico coletivo, a partir da montagem de grupos. Desta vez, com palavras chave relacionadas aos gêneros estudados anteriormente. Entregamos então a cada grupo uma folha de ofício com as seguintes palavras chave como fábula, poesia, poema, contos, lendas, quadrinhos. Ao concluírem a produção mais uma vez foi escolhido um orador que apresentou pelo grupo a construção da atividade proposta.

Frente às informações destacadas percebemos que a nossa intervenção ampliou os conhecimentos do educandos a respeito dos gêneros literários, ao passo que os sensibilizou para a leitura por meio de atividades diversificadas. Contudo, podemos dizer ainda que despertou na professora regente a necessidade do uso de novas metodologias em sala de aula para uma maior participação dos educandos e conseqüentemente para a melhoria da aprendizagem.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escola enquanto espaço de sistematização do conhecimento, ou seja, enquanto instituição pedagógica é responsável pela formação de seus educandos, uma vez que é encarregada de desenvolver competências de comunicação, de interação, ou seja, mecanismos que facilitem o seu contexto de vida. Entendemos que não é simplesmente a escola a única responsável pela aquisição do conhecimento desses pequenos atores sociais, visto que os pais também tem sua grande parcela de contribuição a dar.

O professor é outro personagem essencial nesse processo, pois sua atuação através de metodologias dinamizadas estimula os educandos às práticas de leitura. Mas, não bastam apenas novas metodologias, a construção desse conhecimento sem dúvida, dependerá, também, do comprometimento do profissional em estimular o aluno pelo gosto da leitura. Essa ideia ratifica a necessidade de uma reflexão das práticas pedagógicas que contemplem as experiências prévias dos alunos e a importância da leitura em sala de aula.

Diante de tais informações podemos dizer que o presente trabalho fez com que ampliássemos a visão a respeito da leitura e a urgência de repensar sobre as práticas que estão sendo adotadas em sala de aula. E mais ainda, a importância dos professores como sujeitos capazes de formar leitores comprometidos com a leitura.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Com tudo que foi citado, fica em evidência o valor do estudo sobre o tema abordado, proporcionando a ampliação de conhecimentos e habilidades que contribuirão nas práticas sociais dos educandos.

Por esta razão, o presente trabalho, buscou levantar reflexões sobre a importância de se trabalhar a leitura de forma diferenciada despertando nos educandos o gosto pela leitura e um maior envolvimento nas atividades, ou seja, mudanças que possam contribuir no desenvolvimento de suas capacidades.

Podemos destacar que a nossa intervenção fez com que os educadores percebessem que se faz necessário uma mudança de postura frente às demandas contemporâneas e não podemos ficar simplesmente atrelados ao básico, é necessário inovar, fazer diferente, ousar.

Portanto, podemos dizer que o trabalho desenvolvido foi de suma importância tanto para a escola/campo de estágio devido às atividades diversificadas, o envolvimento dos educandos, a sensibilização dos profissionais e ainda de grande relevância profissional.

REFERÊNCIAS

BATISTA, A.A.G. (org.). **Capacidades Linguísticas: Alfabetização e letramento. Pró-letramento: programa de formação de professores dos anos/séries iniciais do ensino fundamental: alfabetização e linguagem.** Ed. ver. E ampliada. Incluindo SAEB/Prova Brasil matriz de referência/ Secretaria de Educação Básica. Brasília: Ministério da Educação, 2007. fasc.1.

BEZERRA, J. C. M.I.C. **Leitura Significativa no Ensino Fundamental.** Monografia, 35 f. Departamento de Ensino de Graduação – DEG – Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA. Macaíba, 2008.

BARRETO, Â. M. **Leitura: suas categorias de produção de sentidos nas novas e antigas formas de acesso à informação. O ideal de disseminar: novas perspectivas, outras percepções.** Salvador: EDUFBA, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa.** Brasília/DF: MEC, SEF, 2001.

CORREIA, J. **Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação; novas estratégias de ensino/aprendizagem.** In: COSCARELLI, C.V. (Org). **Novas Tecnologias, Novos Textos, Novas Formas de Pensar.** 2ª.Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. Ed. São Paulo: Atlas, 2002. MIRANDA, UNIVERSIDADE ESTADUAL VALE DO ACARAÚ. **Manual de Elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso. Intervenção Socioescolar.** 3ª ed. Natal: IBRAPES, 2012.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

MOURA, C.C. **TRILHANDO OS CAMINHOS DA ALFABETIZAÇÃO**: Aquisição da leitura. 2008. 35f. Departamento de Ensino de Graduação- DEG- Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA. Natal, 2008.

RAMEH, L., et.al **Aprimorando-se com Paulo Freire em Alfabetização e Letramento**. Vol. VI. Recife: Bagaço, 2006. (Coleção Paulo Rosas).

SILVA, M.B. C. **Contar histórias uma arte sem idade**. Ed. Ática. 1991.

SILVA, Z. G. da. **O processo de alfabetização no 1º Ciclo. Trabalho de intervenção sócio-escolar**. 51f. Depto de Ensino de Graduação – DEG – Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA. Santo Antônio, 2006.

TRIPP, D. **Pesquisa-ação**: Uma introdução metodológica. Tradução: de Lólio Lourenço de Oliveira. Revista Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n3, set. de 2005. Disponível em <www.scielo.br> Acesso em: 20 de jul. 2012.

ZILBERMAN. R. **A leitura do Brasil: Sua Histórias e Suas instituições**. Rio de Janeiro: Ática, 2004.